



## TRABALHO E SUBJETIVIDADE: breve análise da sociabilidade contemporânea

Márcia da Conceição Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho aponta as formas de apropriação da subjetividade do trabalhador pelo capital. Cada vez mais elaboradas e sutis, estas novas formas atraem os trabalhadores, pelo oferecimento de pseudo vantagens. Busca-se analisar os efeitos das mudanças nas formas de organização da produção, e seus respectivos impactos sobre os trabalhadores e sua forma de percepção no conjunto desta classe. As formas flexíveis de produção passam a integrar a própria forma de relações sociais fora da produção. O tempo livre pertence ao capital, e é subsumido ao consumo, o próprio tempo passa a ser fetichizado.

**Palavras-chaves:** Trabalho e subjetividade, transformações mundo do trabalho, relações sociais, reestruturação produtiva

**ABSTRACT :** This work points out the ways of appropriating the subjectivity of workers by capital. Increasingly elaborate and subtle, these new forms attract workers by offering pseudo advantages. Seeks to analyze the effects of changes in the forms of organization of production, and their impacts on workers and their way of perception in this class together. Flexible forms of production become part of the very form of social relations outside the production. The free time belongs to capital, and is subsumed consumption, time itself becomes fetishized.

**Keywords:** Work and subjectivity, changes the world of work, social relationships, productive restructuring

---

<sup>1</sup> Doutora. Universidade Veiga de Almeida – UVA. [mc.silva@globocom](mailto:mc.silva@globocom)



## I- INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar os efeitos das mudanças estruturais, no que ficou convencionado a chamarmos de “mundo do trabalho”. Explicitaremos os impactos sobre o trabalhador e a forma como o capitalismo necessitou rearticular as formas de sociabilidade para que suas necessidades de acumulação fossem atendidas, nesta nova etapa em que se encontra.

Para entendermos esta transformação nas relações sociais de produção é necessário uma introdução das diferentes fases da organização da produção, e como estas se relacionavam com o trabalhador de forma dialética, como o taylorismo, o fordismo e o toyotismo (Harvey; 2003)

A reestruturação produtiva buscou entre outras coisas a flexibilidade como ordem central, e onde o trabalhador passou a ser visto apenas, como mais uma peça neste processo, e cada vez com menor valor, um aumento sem igual na exploração do trabalho vivo. Contudo, faz-se necessário uma legitimação por parte dos trabalhadores, e entendendo o capital como relação social adequando-se as suas necessidades sócio-históricas, há uma precarização laboral “necessária” para maior controle do capital e como necessidade desta forma flexível de acumulação.

O capitalismo necessita cada vez mais ampliar sua base material sobre o uso combinado do trabalho social, de forma a aumentar a subsunção real do trabalho ao capital e reorganizar permanentemente a sociabilidade do trabalhador/ consumidor, implementando mecanismos de subordinação velados afim de ganhar cada vez mais maiores contingentes de corações, mentes e sangue, a própria vida do trabalhador.

### **A flexibilização produtiva e da vida**

A nova etapa do capitalismo, conhecida como “acumulação flexível”, pode ser analisada como sendo marcada por dois momentos: uma nova forma de gestão administrativa e o desenvolvimento de novas tecnologias. Através das novas técnicas produtivas, o capital tenta eliminar ao máximo qualquer tempo que não esteja vinculado diretamente à produção. Souza (2003;175), aponta a questão: “O avanço científico e tecnológico, principal instrumento de obtenção da disciplina e da



incorporação ativa do trabalho vivo ao trabalho morto, constitui, ele mesmo, a materialidade do novo tipo de subordinação do trabalho ao capital”. Desse modo, o capital pretende conquistar corações e mentes, conseguir que o trabalhador vista a camisa da empresa, fazê-lo desejar o capital. Conforme Harvey (2003;140) a acumulação flexível se apoia na palavra flexibilidade:

... na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional.

Envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual. As novas tecnologias associadas às novas formas de gestão e controle do trabalho conseguem “mascarar” os novos mecanismos de dominação do capital que tem exclusivamente como objetivo o aumento crescente da extração de mais-valia. O capital recorre, dentre outras formas, à automação e à descentralização para manter suas taxas de lucro.

Antunes (2001;25) mostra como esta forma flexibilizada de acumulação capitalista, baseada na reengenharia, precariza o mundo do trabalho através de terceirizações, subcontratações, trabalhos temporários, informais, etc, atingindo também os trabalhadores mais especializados.

... há uma expansão do que Marx chamou de trabalho social combinado (Marx, 1878), onde trabalhadores de diversas partes do mundo participam do processo de produção e de serviços. O que, é evidente, não caminha no sentido da eliminação da classe trabalhadora, mas de sua precarização e utilização de maneira ainda mais intensificada. Em outras palavras: aumentam os níveis de exploração do trabalho.

De forma bem elucidativa, Liliana Segnini (1999) relaciona a classificação da flexibilidade feita por Harvey com alguns fenômenos sociais:

#### HARVEY

1) flexibilização numérica

#### SEGNINI

caracteriza-se pela terceirização e precarização do trabalho; possibilidade de admitir e demitir de acordo com as demandas do mercado e dos processos de trabalho; minimiza custos.



- 2) flexibilização funcional através de ocupação política econômica as inovações tecnológicas são utilizadas para aumento de produtividade através da intensificação do trabalho, com isso há realização de várias tarefas ao mesmo tempo e redução dos postos de trabalho;
- 3) flexibilidade temporal é o “just in time humano” – a intensificação do trabalho humano se dá pela diminuição dos níveis hierárquicos ou pelos resultados dos programas de gestão, exemplo:
- programas de reengenharia: minimização dos custos;
  - programas de qualidade: maximização dos resultados.

O que presenciamos é a substituição da rigidez do gerenciamento fordista para o novo modelo de gestão flexível, onde os trabalhadores tem em suas atividades mais autonomia e maior responsabilidade porém, as relações legais de emprego também se flexibilizam, ocasionando uma precarização nos postos de trabalho.

As empresas são obrigadas a buscar trabalhadores com maiores iniciativas, rever suas estratégias comerciais para buscar novos mercados e assim aumentar sua lucratividade. Este “novo” trabalhador deve ser; empreendedor, autônomo e responsável, substituindo a “lógica da obediência” pela “lógica da responsabilidade”.

Para as empresas, não basta que este novo trabalhador saiba fazer apenas sua função, é necessário ter iniciativa, ter conhecimento de computação, trabalho em equipe, etc, o conhecimento formal “saber fazer” não é suficiente, é necessário um “saber-ser”.

Essas necessidades de novas qualificações colocou em questão a própria noção do que seria qualificação. Uma das teses que surgiu nos anos 90 foi do modelo de competência, ter disposição para mudanças, competitividade, produtividade e estar aberto a incorporar os valores da empresas.

É importante salientar que qualquer processo de formação, referido aqui no conceito de qualificação, deve ser observado sob uma perspectiva histórica e como nos explica Frigotto (2000; 31), como um campo de disputa hegemônico, pois é nas concepções dos conteúdos educacionais que se articulará os interesses de classe. “A educação é concebida como uma prática social, uma atividade humana e histórica que



se define no conjunto das relações sociais, no embate dos grupos ou classes sociais, sendo ela mesma forma específica de relação social”

### **A noção de competência e a responsabilidade do trabalhador**

A noção de competência foi utilizada como crítica a teoria do capital humano (TCH) que valorizava o conhecimento formal (diploma) utilizada numa conjuntura de desenvolvimento do capitalismo com real crescimento econômico e com a presença de Estados de Bem-Estar Social que ajudava a fortalecer as promessas de pleno emprego. Pela a TCH, o país será considerado desenvolvido ou subdesenvolvido conforme o investimento em capital humano. Porém, a noção de competência, acabou se tornando apenas uma substituição da noção de qualificação e sua forma subjetiva de avaliação.

Diante da necessidade deste novo tipo de trabalhador, a discussão sobre qualificação acabou por desenvolver a noção de empregabilidade, que em nosso modo de pensar faz parte da ideologia desta reorganização do capital, pois dá importância e ênfase as políticas de formação profissional e estaria relacionada com a educação do trabalhador. Cada vez mais, seria necessário este trabalhador estar em constante processo de “reciclagem”, retornando com isto ao conceito de capital humano, junto com a promessa implícita de uma oferta de trabalho, colocando assim a responsabilidade do desemprego sobre o trabalhador.

Na noção de empregabilidade está contido que quanto melhor for a escolaridade, isto é, quanto maior o número de anos estudados mais “empregável” será o trabalhador. Esta noção é mais cruel que qualquer outra, pois esconde o caráter destrutivo do capital, onde este conceito de capital humano, agora traduzido como empregabilidade, não mostra que o mercado de trabalho está cada vez mais reduzido.

A promessa integradora da escola esgotou-se e o que o neoliberalismo colocou em seu lugar foi a noção de empregabilidade, como observamos em Gentili (1998,89) : “A garantia do emprego como direito social (...) desmanchou-se diante da nova promessa de empregabilidade como capacidade individual para disputar as limitadas possibilidades de inserção que o mercado oferece”



O conceito de empregabilidade sendo associado a acumulação de conhecimentos é uma forma de alienação da conjuntura política e econômica imposta por este novo tipo de Estado, que surge juntamente com este novo modelo de acumulação capitalista, o Estado neoliberal. O emprego deixa de ser um direito do cidadão, pois enquanto direito, o Estado é o responsável por assegurá-lo, e passa a ser uma responsabilidade do trabalhador.

Como já dito, com relação ao processo historicamente determinado do processo de formação e a relação na disputa entre Capital e Trabalho, as transformações do modo de organização da produção capitalista, determina a formação dos trabalhadores, que não tem apenas a função de preparar para o ingresso no “mundo do trabalho”, bem observado por Frigotto (1996;40);

...formação polivalente, e “valorização do trabalhador”, são uma imposição das novas formas de sociabilidade capitalista, tanto para estabelecer um novo padrão de acumulação, quanto para definir as formas concretas de integração dentro da nova reorganização da economia mundial.

A reestruturação produtiva e o avanço do desenvolvimento tecnológico, que gerou a criação de postos de trabalho específicos da informática, fazem com que a participação dos trabalhadores seja componente fundamental para a garantia de melhor desempenho da produção. As novas exigências de qualificação intensificaram a segmentação da classe trabalhadora. Ao mesmo tempo em que há uma tendência para a qualificação do trabalho, há também uma desqualificação dos trabalhadores. Isso pode ser melhor observado em Freyssenet (1989; 75):

... não há um movimento generalizado de desqualificação ou um movimento geral de qualificação, mas um movimento contraditório de *desqualificação do trabalho de alguns pela ‘superqualificação’ do trabalho de outros*, isto é, uma polarização das qualificações requeridas que resulta de uma forma particular de divisão do trabalho, que se caracteriza por uma modificação da repartição social da ‘inteligência’ da produção. Uma parte dessa ‘inteligência’ é ‘incorporada’ às máquinas e a outra parte é distribuída entre um grande número de trabalhadores, graças à atividade de um número restrito de pessoas encarregadas da tarefa (impossível) de pensar previamente a totalidade do processo de trabalho...

As necessidades atuais do processo de acumulação ao mesmo tempo em que exigem novas qualificações profissionais para garantir a manutenção das taxas de



lucro, contraditoriamente apresentam para os trabalhadores uma oportunidade de novas alternativas e, ao mesmo tempo, um desafio a ser enfrentado.

### **As Relações de produção como produtoras de subjetividade: a flexibilidade e a sociabilidade**

O Projeto econômico implementado no Brasil a partir da década de 90, priorizou a iniciativa privada, retirando “a educação do “plano do direito” para o “plano de um bem ou serviço que se compra diretamente no mercado, fragmentou o processo educacional, pois ao despolitizar a educação, o mérito do sucesso, ou do insucesso passa a ser individual e o trabalhador passa a ser exclusivamente responsável pela sua “empregabilidade”, conforme nos explica Santana (1999;69), “ocultam-se as causas estruturais da redução de oferta de empregos nos diversos setores e segmentos da economia, transladando-se o problema para a esfera subjetiva da competência do trabalhador” .

A flexibilização produtiva, se fortaleceu no marco do ideário neoliberal, onde em todas as esferas da vida do trabalhador foi e ainda é observado esta mudança que afeta todas as dimensões do ser social. A insegurança no trabalho torna-se fundamental para a implementação deste ideário. Esta insegurança significa uma instabilidade emocional a longo prazo , segundo Senett (2000), pois os laços afetivos e os projetos pessoais não podem mais se manterem..

### **III-CONCLUSÃO**

Esta discussão parece ainda muito propícia para nos debruçarmos. Alves (2011;105) faz uma afirmação que mostra o movimento atual do capital sobre a vida dos trabalhadores: “Business é vida”, e segue:

A nova dinâmica hegêmica do capital sob o modo toyotista de organização do trabalho não se reduz apenas à extensão da produção e da ideologia produtivista à totalidade social, isto é , a vida é business e o mito do autoempreendedor. O movimento contrário também é verdadeiro: o espaço do local do trabalho e da produção propeamente dita se impregna do discurso do mercado como instância reguladora da vida social



#### IV- BIBLIOGRAFIA

ALVES, Giovanni. Trabalho e subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo, Ed. Boitempo, 2011

ANTUNES, Ricardo. As metamorfoses do mundo do trabalho. In: GOMES, Álvaro (org). O trabalho no século XXI: Considerações para o futuro do trabalho. São Paulo: A. Garibaldi, 2001

FILGUEIRAS, Luiz. Reestruturação produtiva e emprego bancário. In: GOMES, Álvaro (organizador). O trabalho no século XXI: Considerações para o futuro do trabalho. São Paulo: A. Garibaldi, 2001.

FREYSENET, Michel. A Divisão Capitalista do Trabalho. In: HIRATA, Helena (org). Tempo Social (Dossiê). Vol. I, n 2. São Paulo: USP, 1989.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e a crise do capitalismo real. 4 ed. São Paulo: Cortez 2000.

----- Educação e formação humana: ajuste neoconservador e alternativa democrática. In: GENTILI, P.; SILVA, T.T. Neoliberalismo, qualidade total e educação. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

----- FRIGOTTO, Gaudêncio. Mudanças na política de formação técnico-profissional: Regressão ao dualismo, fragmentação e positivismo (mimeo). Trabalho apresentado ao V CONED, Belo Horizonte, MG, 1997.

GENTILI, Pablo. Educar para o desemprego: A desintegração da promessa integradora. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (organizador). Educação e crise do trabalho: Perspectivas de final de século. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998

HARVEY, David. Condição pós-moderna. 12 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

SENNET, Richard. A corrosão do caráter. Rio de Janeiro, Editora Record, 2008

SEGNINI, Liliene R. Petrilli. Reestruturação nos bancos no Brasil: Desemprego, subcontratação e intensificação do trabalho. Educação e Sociedade. nº 67. Campinas, SP: Unicamp, 1999.

SOUZA, Donaldo Bello de; SANTANA, Marco Aurélio de; DELUIZ, Neise. Trabalho e Educação: centrais sindicais e reestruturação produtiva no Brasil. Rio de Janeiro: Quartet, 1999.

SOUZA, José dos Santos. A "Nova" Cultura do Trabalho e seus Mecanismos de Obtenção do Consentimento Operário: os Fundamentos da Nova Pedagogia do Capital. In: BATISTA, Roberto Leme; ARAÚJO, Renan (organizadores). Desafios do Trabalho: Capital e Luta de Classes no Século XXI. Maringá, PR: Ed. Práxis, 2003.